

CATÁSTROFE: A BATALHA DE STALINGRADO E SEUS DESTAQUES PARA O CURSO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

**CATASTROPHE: THE BATTLE OF STALINGRADO AND ITS HIGHLIGHTS FOR THE COURSE OF THE
SECOND WORLD WAR**

Beatriz Pereira da Silva

GRADUANDA EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE SÃO JOSÉ.

João Marcos Passos dos Santos

GRADUADO EM HISTÓRIA E PEDAGOGIA PELAS FACULDADES INTEGRADAS SIMONSEN (FIS). ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DO BRASIL; HISTÓRIA SOCIAL E CONTEMPORÂNEA; HISTÓRIA DA GUERRA; PRODUÇÃO TEXTUAL E NORMAS DA ABNT

Victor Ramos da Silva

MESTRE EM ESTUDOS DE LINGUAGEM (UFF) E DOCENTE DO CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ.

RESUMO

A temática em questão é resultado de uma pesquisa que volta sua atenção para a representação e relevância que se resumiu na participação da mulher durante a Batalha de Stalingrado. Um conflito considerado por inúmeras fontes como uma das mais sangrentas durante a Segunda Guerra Mundial, serviu de combustível para a reviravolta Aliada sob a Alemanha Nazista. Em virtude disso, apresentaremos o quão vital foi a presença da mulher que durante toda a guerra, recebe mais destaque nessa batalha, assim como evidenciar quais foram as incumbências recebidas e contribuições que favoreceram na vitória do Exército Vermelho no Teatro das Operações.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial; Mulher; URSS; Stalingrado

ABSTRACT

The subject in question is the result of a research that turns its attention to the representation and relevance that was summarized in the participation of women during the Battle of Stalingrad. A conflict considered by numerous sources to be one of the bloodiest during World War II, it fueled the Allied turnaround under Nazi Germany. As a result, we will present how vital was the presence of women who, throughout the war, receive more prominence in this battle, as well as highlighting the tasks received and contributions that favored the victory of the Red Army in the Theater of Operations.

KEYWORDS: Second World War; Women; USSR; Stalingrad

INTRODUÇÃO

De princípio, a Segunda Guerra Mundial indiscutivelmente é considerada por muitos, a categoria de uma temática com bastante investigação e gera inúmeras discussões desde os antecedentes até o tempo presente. Com base na narrativa de algumas perspectivas, não há como contestar que a Grande Guerra se define em consequências de paz mal resolvidas durante o desenrolar da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Dir-se-ia posteriormente que tal catástrofe se concretizou em uma construção de novos capítulos da Segunda Guerra.

Contudo, apontamentos apresentam que havia uma pertinente diferença, ou seja, o conflito bélico de 1914 estava encadeado explicitamente sobre uma ampla disputa envolvendo a nivelção global dentre as potências da época. Por outro ângulo, em 1939, embora permanecesse as razões do fragmento econômico, houve também a ideologia presente, isto é, que receberam mais destaques: o Fascismo Italiano e a Alemanha Nazista.

Em contrapartida, a fim de esclarecermos, embora tenha ocorrido inúmeros conflitos no Teatro das Operações, trazemos, neste artigo, a ênfase da Batalha de Stalingrado que tem consideração de ser resultado de uma das principais batalhas da Grande Guerra, ocorrida em território russo entre o Exército Alemão e Exército Soviético durante o período de 1942 e 1943. Dado o exposto, interpretações apontam que os soviéticos sofreram aproximadamente, de acordo com Beevor (2002), “1.130.000 abates, sendo 480.000 óbitos e prisioneiros e 650 mil feridos em toda zona de batalha”.

A fim de revelar mais informação, Antony Beevor (2002) expõe que a Batalha de Stalingrado foi um dos confrontos mais sangrentos deste período em questão. Dados de arquivos mostram que os soviéticos sofreram cerca de 1.130.000 baixas, sendo 480 mil mortos e prisioneiros e 650 mil feridos em toda área da cidade de Stalingrado. Na Metrópole russa em questão, estima-se que 750 mil foram mortos ou fétidos. Ademais, 40 mil civis russos foram mortos e seus subúrbios em uma semana no desenrolar de um bombardeio aéreo e, ao mesmo tempo, o 6º Exército e o IV Exército Panzer cada vez mais se aproximavam da cidade durante o meado de 1942, mais precisamente em julho. Alguns arquivos apontam que trazendo para a totalidade, recebe como desconhecida a quantidade de civis mortos nas regiões fora da cidade e, no total, este conflito provocou aproximadamente 1,7 a 2 milhões de baixas em ambos os lados.

Partimos da pressuposição de que embora houvesse o avanço alemão em busca do seu triunfo, notoriamente observamos a participação da figura feminina em solo de batalha, diferentemente de outros setores que durante toda a guerra, a mulher recebe mais destaque nas enfermarias, hospitais, cuidados de casa e afins. Todavia, neste conflito, ao longo da pesquisa, exibiremos a noção do quão essencial e relevante a presença da mulher durante a Batalha de Stalingrado, os feitos de algumas personagens que recebem holofotes e de que maneira esse conflito é considerado para muitas interpretações no desenrolar da Segunda Guerra.

Dessa forma, para a realização e construção desta narrativa, construiremos uma sequência histórica no fundamento da investigação de vertentes secundárias, além de uma análise historiográfica interiormente dos limites propostos. Outrossim, evidenciar, de forma acessível na escrita para facilitar o entendimento de qualquer leitor e, especialmente, mostrar o quão vital e importante se caracterizou a presença da mulher neste conflito que fez parte de uma catastrófica fase do século XX que marcou a história da humanidade.

No que tange às hipóteses aqui apresentadas, tem como referência desvendar como sucedeu a participação da mulher na Batalha de Stalingrado e de que maneira esse conflito serviu para os Aliados durante a Grande Guerra.

Apontaremos para a questão problemática da seguinte maneira: Quais foram as principais missões da mulher na Batalha de Stalingrado e suas consequências?

Trazendo para o encadeamento de ideias que interliguem com a problemática deste artigo, o objetivo geral, tem como norte evidenciar os ganhos e perdas para o viés da União Soviética e destaques recebidos por algumas mulheres soviéticas.

Quanto aos objetivos específicos, retrataremos: Apresentar Stalingrado na Segunda Guerra Mundial; apontar uma ideia do estereótipo feminino; Desvendar os motivos para o ingresso feminino na Batalha; Esclarecer a ideia de “Bruxas da Noite” e os Resultados da presente pesquisa.

Sendo assim, a significativa relevância da pesquisa possui três fragmentos, ou seja, científico, social e pessoal. Quanto ao viés científico, embora a maioria dos estudos propõe investigar e analisar a temática em voga, espera-se concluir e expor os resultados desta narrativa e pela necessidade de verificar o papel da mulher em diferentes eventos históricos, não somente o tema em questão

Sob o campo social, além da intenção de desmistificar o contexto da Segunda Guerra e enfatizar o papel da mulher neste episódio, pretende-se transmitir um entendimento e conhecimento, favorecendo, dessa forma, a construção dos cidadãos conscientes e críticos, tornando-os cada vez mais apto de se conviver na sociedade.

Por último, trazendo para a concepção, a seleção do tema é cativador e inspirador pela ampla abrangência de riquezas históricas que são oferecidas, o que como cerne e impacto da nossa moldagem acadêmica é fundamental, principalmente para amantes do tema proposto, ciências sociais e em especial, estudantes de História.

1.0 DESENVOLVIMENTO

A partir deste tópico, apresentaremos uma narrativa para esclarecer determinados apontamentos com o intuito de revelar, de maneira resumida, as origens da batalha, assim como o cenário geográfico no teatro das operações durante a Grande Guerra. Além disso, daremos mais ênfase aos elementos da pesquisa que aborda a figura feminina neste marco histórico, revelar quais foram as incumbências que se destacaram no desenrolar dessa batalha, compreender por quais razões foram consideradas essenciais a participação da mulher no campo de guerra frente ao inimigo – exército alemão, e suas contribuições para o fim deste conflito que é considerado um dos mais sangrentos durante toda a Segunda Guerra.

1.1 Síntese sobre a Batalha de Stalingrado na Segunda Guerra Mundial

A história da humanidade é marcada por diferentes acontecimentos nos seus respectivos séculos. Com o passar do tempo, podemos ver que na maioria das vezes, guerras são travadas em virtude de diferentes motivos. Levando em consideração à isso, ao investigar essas temáticas, diversos questionamentos são realizados, dentre eles: como uma guerra se inicia? De fato, não há como negar que se trata de um questionamento indispensável ao se estudar diferentes conflitos da história, todavia, nem sempre alcançamos o objetivo, isto é, detectar uma solução satisfatória e que atenda as indagações e dúvidas que boa parte dos estudiosos, pesquisadores e amantes no vigente assunto.

Além disso, esse é um questionamento que seja dessa temática, são feitas mais frequente de um historiador. Partindo dessa narrativa, é inevitável contestar que os conflitos se integram na maior parte material do campo historiográfico europeu.

Em toda sociedade, podemos notar que aconteceram guerras de qualquer maneira, independente da escala, até na era mais atual. Aparentemente, visando tal proporção de catástrofe, apresenta destaques das causas por inúmeros tipos de circunstâncias. Diferentes guerras são vistas e percebemos também que algumas se trata de conquista, rivalidades imperiais, disputas familiares, disputa territorial, política, conflito religioso, dentre outras.

É de conhecimento que todas essas guerras acontecidas até o presente momento têm suas causas legais, sejam elas por divergências políticas ou reivindicações de territórios que ganham destaque pela sua importância. Levando em consideração à perspectiva citada, se utilizamos, as causas da Primeira (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1940) como objeto de estudo, observaremos que ambos os contextos históricos se desencadearam a partir do princípio de disputas de território, embora muitos historiadores contestem tal fato.

No entanto, ao contrário da Segunda Guerra, sua gênese é explicitamente detectável. Durante o desenrolar da Primeira Guerra, a Europa estava em estado de catástrofe, uma vez que no meado de 1914, as maiores potenciais globais estavam em paz, pouco tempo depois, houve uma explosão que somou com outros fatores para que a guerra fosse ecoada. Partindo desse entendimento, podemos descrever esse evento parecido com o mesmo entendimento, isto é, equivalente a um certo tempo, o mundo estava em termos de neutralidade.

Todavia, o mundo estava prestes a testemunhar uma das mais sangrentas e memoráveis conflitos bélicos da histórica. Todavia, afinal, muitos questionamentos surgem, dentre eles, quando realmente esse episódio se tornou mundial? E, de fato, de que maneira se caracterizou em uma guerra que envolveu diferentes nações.

Assim como no Teatro das Operações, uma das essências da guerra é que para uma iniciativa, há fatores que remetem na moldagem dos capítulos antecedentes de tal protagonista. Tradando dessa perspectiva, é discrepante observar que houve conflitos minuciosos, transmitindo reflexões as nações participantes deste grande conflito e ao mesmo tempo, graves operações pós-Primeira Guerra.

Em outras palavras, o autor Alan John Percival Taylor¹ (1979), aponta que os pequenos conflitos acontecidos antes de estourar a Segunda Guerra não passa de pequenos ensaios para o desencadeamento da mesma. Como exemplo, observamos que o conflito bélico entre os franceses e alemães que teve duração de aproximadamente seis semanas. Trazendo para o território polonês, sucedeu a duração de 15 dias, entretanto, as consequências para a população polonesa visaram o entendimento de uma guerra, uma vez que quem presenciou as atrocidades do avanço alemão e sentiram na pele, o poderio nazista avançando incansavelmente. Dessa maneira, esses dois fragmentos servem de exemplos para reafirmar que tais ocorridos não passaram de ensaios. (TAYLOR, 1979).

¹ Alan John Percivale Taylor (25 de março de 1906 - 7 de setembro de 1990) foi um historiador britânico especializado em diplomacia europeia dos séculos XIX e XX. Jornalista e radialista, tornou-se conhecido por milhões através de suas palestras na televisão. Sua combinação de rigor acadêmico e apelo popular levou o historiador Richard Overy a descrevê-lo como "o Macaulay de nossa época". Em uma pesquisa de 2011 pela revista History Today, ele foi nomeado o quarto historiador mais importante dos 60 anos anteriores. Disponível em: <https://www.calendarz.com/pt/on-this-day/march/25/a-j-p-taylor>. Acesso em: 07/10/2022.

Sendo assim,

Mas tudo isso não passou de preliminares, apenas. Tenho a certeza de que tal afirmação parecerá paradoxal aos que se recordam da II da segunda guerra mundial: [...]. De junho de 1940 até junho de 1941, houve praticamente paz na Europa e no mundo em geral. Houve agressões menores, conflitos menores, e um conflito subterrâneo. Quando digo que não houve uma grande guerra em terra, exceto uma breve luta na Grécia [...] (TAYLOR, 1979, p. 331).

Contudo, embora observemos que esses ocorridos considerados preliminares, não representam de maneira verídica a gênese da Segunda Guerra de acordo com TAYLOR (1979), sendo assim, quais motivos seriam então o preciso instante deste conflito que se tornou de maneira total?

Surgindo essa reflexão, podemos dizer que:

Ao contrário da I guerra mundial, sobre a qual ainda pairam dúvidas quanto às questões em causa- se foi realmente uma luta consciente para o domínio da Europa ou do mundo- a II guerra mundial teve, ao que me parece, um caráter mais definido, e que foi o seguinte: havia algumas das grandes potências que dispunham de impérios ou zonas protegidas próprias, que podiam obter recursos adequados desses impérios. Era o que acontecia com os Estados Unidos: a totalidade, realmente, do continente americano era da América e de mais ninguém. Isso também acontecia com o império Britânico e o Império Francês. (TAYLOR, 1979: 331).

Dito isso, podemos relatar também duas nações que tinham um poderio industrial consideravelmente significativo, isto é, não tinham essas regiões. Em consequência, é notório os recursos estarem de maneira obsoleta e outras circunstâncias sofridas.

Desvendando as problemáticas enfrentadas, podemos dizer que o Japão e Alemanha buscavam incansavelmente uma colocação somando às grandes potenciais mundial naquele contexto. Em virtude disso, compreendemos que a tentativa de concorrer uma posição favorável e fragmentar o monopólio dos grandes impérios do ocidente, especialmente Estados Unidos e Reino Unido.

Trazendo para a narrativa mais conhecida de acordo com TAYLOR (1979) a Alemanha após sofrer graves consequências declaradas no Tratado de Versalhes com o fim da Primeira Guerra, podemos entender que os alemães eram movidos pelo sentimento nacionalista que a todo custo, buscava quebrar barreiras do monopólio detidos pelas elevadas potências marítimas.

Por outro lado, pelo lado oriental, o Japão, é entendido conforme TAYLOR (1979) que realizavam tentativas para apropriar-se de inúmeros recursos do oriente e, posterior a isso, elevar a categoria de destaque juntamente com os grandes países da época.

Trazendo a exemplificação de uma mesa com grandes figuras nacionais, não há como deixar de destacar que os japoneses e alemães realizavam constantes buscas para adquirir uma aceitação e segurança junto as maiores potenciais.

Dado os relatos abordados, embora esse desejo se aflore, não podemos deixar de refletir que possivelmente, esse desejo se soma com a vontade de ser superior aos demais. Verificando tais exemplos, é notório que durante o desenrolar da Segunda Guerra, essa historicidade faz conexão com a história da política nazista, principalmente no instante em que o “carismático” líder nazista, Hitler, conquistou o poder.

Além disso, podemos dizer também, de acordo com TAYLOR (1979), essa é a história do viés político japonês. De fato, a Grande Guerra do século XX teve seu período iniciado a partir de junho de 1940, quando os setores

governamentais da Alemanha, França e Reino Unido, recrutaram uma demasiada quantidade de homens e contemplaram os benefícios de terem adquirido uma considerável quantidade de equipamentos para suas respectivas Forças Armadas, como podemos observar a seguir:

Jamais uma conquista imperial se realizara tão facilmente quanto ao domínio da Alemanha sobre a Europa. Em junho de 1940, a Alemanha controlava todo o continente europeu, seja indiretamente, como ocorria com os poucos países que continuavam neutros, por sua influência e exigências. Na verdade, podemos ir mais longe e dizer que a Europa havia sido unificada pela primeira vez na sua história e eram poucas as possibilidades de que tal situação se modificasse a partir do interior da própria Europa. Sabemos que toda resistência na Europa, embora por vezes muito honrosa, foi ineficiente no que se relaciona com a expulsão dos alemães. [...] (TAYLOR, 1979. p. 333).

Dado o exposto, não há como contestar que Hitler conseguia mobilizar como ninguém, seu poderio militar, adotando táticas para conseguir se sobressair diante do adversário e, contribuiu para aniquilar determinados países em poucos dias. O líder alemão, observando o avanço que podemos notar em inúmeras fontes, provocou o sentimento de confiança em realizar uma invasão em território russo.

A partir disso,

[...] temos um dos exemplos muito raros de como uma guerra começa. Há guerras que foram planejadas, no sentido de que países organizaram exércitos e previram que haveria um conflito [...] Mas neste caso temos Hitler e seus generais sentados por meses e meses, e marcando o início da guerra, primeiro, para 15 de maio. E então o tempo e outras coisas interferiam, e eles mudaram a data para 22 de junho de 1941. É raro, muito raro, que exista um momento assim absolutamente preciso. Por que 22 de junho? Não Porque alguma coisa dramática estivesse acontecendo ali, mas por que estava de acordo com seu esquema temporal. (TAYLOR, 1989. p. 334).

Em consonância com os apontamentos evidenciados anteriormente, podemos apontar que ao estudarmos o contexto da Segunda Guerra Mundial e trazer à tona, a análise da derrota nazista, surge o seguinte questionamento: por quais razões, Hitler almejava persistir na tentativa de invadir o território da URSS? Podemos dizer que amplos palpites podem ser vistos, dentre elas, a de que o líder alemão tinha um dos objetivos que é visto por diferentes narrativas, isto é, combater o comunismo, assim como, havia pretensão de implementar grandes planos. Um deles, de acordo com TAYLOR (1979) de “espaço vital.”² Termo este que Hitler sentia um certo receio e temor pela crescente força militar do Exército Vermelho e em virtude do receio deste país realizar ataques contra o Reich.

Em consequência dessa ocasião, de acordo com VASCONCELOS (2012):

Hitler enviou a Wehrmacht e a Luftwaffe para ocupar os vastos domínios ocidentais da URSS juntamente absoluta certo de vitória conforme o Japão já havia alcançado a Manchúria a partir de o começo da década de 1930. De certa forma era a categoria do continente eurasiático entre os dois impérios, nipônico e germânico. Por isso não havia motivos para combater a incursão da oriente soviético, era tudo que Hitler e seus seguidores desejavam, sua vitória significaria ao multidão alemão a captura de uma grande parte do globo. Aí se encontra o estreito crucial destino à batalha. (VASCONCELOS, 2012, p. 7).

² A Teoria do Espaço Vital é uma ideia que surgiu da revolta pela Alemanha ter perdido territórios depois da Primeira Guerra Mundial. É uma ideia relacionada a todas as outras, de que a raça ariana deveria ter um único território e expandi-lo ao máximo, formando “um guia, um império, um povo”, conforme dizia Hitler. Foi um dos pontapés para a invasão da Polônia em 1939, fato que eclodiu na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nazismo/>. Acesso em: 07/10/2022.

Em análise ao que foi apresentado, é notório que ao investigar diferentes fontes, vertentes apontam que a União Soviética apresentou um positivo resultado de resistência contra as potências alemãs. Ou seja, para muitos, o exército alemão enfrentou não apenas um conflito conhecido como “guerra mundial”, mas uma extensa desordem de amplas proporções que culminou na confecção do declínio do império alemão que outrora avançava incansavelmente em diferentes direções e conquistando territórios, na Batalha de Stalingrado, as consequências foram mais benéficas para a URSS.

Por essa reflexão, nos leva a entender que:

Isso nos leva a entender que o Exército alemão não estava preparado, para uma guerra corpo a corpo, como a que ocorreu na URSS e principalmente em Stalingrado. Seu exército, em parte vindo da derrota no norte da África, já não era mais o mesmo, em comparação aquele que massacrava a Europa. O exército alemão, na primavera de 1942, não era a mesma organização do verão anterior. Ele tinha 162 divisões de combate para se opor ao exército vermelho, mas apenas oito estavam disponíveis para uma ofensiva total. Três outras divisões poderiam assumir a ofensiva após um intervalo de descanso, 47 estariam aptas a ofensivas limitadas, 73 poderiam ser usadas em funções defensivas limitadas, 73 poderiam ser usadas em funções defensivas e 29 só se prestavam a uma defesa limitada. Duas não serviam para nada. Como resultado ocorreu uma das maiores guerras urbanas em Stalingrado já presenciadas na história e, para realizar esta batalha foi necessário a ambos os governos conduzirem um eficaz doutrinação da sua população, para que defendessem a sua “pátria mãe”. (VASCONCELOS, 2012, p. 6).

Em face do exposto, ficou claro que a persistência soviética envolvendo forças armadas e população, forneceu poderosamente a resistência contra as tropas alemãs. HASTINGS (2012) relata que mais tarde, após constantes insistências e superando o frio soviético, a rendição do exército alemão que estava impregnado em solo russo ocorreu em 2 de fevereiro de 1943. Depois de constantes contraofensivas fervorosas, os soldados soviéticos foram reconhecidos como vitoriosos diante do assombroso terror que sucedeu durante alguns meses. Posterior à rendição, notamos que esse episódio se caracterizou como um dos principais combustíveis para o início da decadência alemã, que permaneceu até o ano de 1945. No total, aproximadamente 2 milhões vieram a óbito no decorrer dos conflitos travados na cidade de Stalingrado.

Posterior a Batalha de Stalingrado a circunstância entre as forças militares foi revertida. Citamos, por exemplo, HASTINGS (2012) do viés produtivo industrial russo que se superou em diferenças discrepantes contra a categoria da Alemanha Nazista, assim como, a elevada quantidade de novos soviéticos que foram recrutados de prontidão para a batalha com os alemães, o que analisando pela outra ótica, no caso, Alemanha, observaram diferentes setores sendo diminuídos de acordo com as derrotas sofridas no Ocidente e Oriente europeu.

Fato este que,

O poder da União Soviética e de seus exércitos crescia rapidamente enquanto a força dos invasores minguava. Em 1942, a Alemanha produziu apenas 4.800 viaturas blindadas, enquanto a Rússia fabricou 24 mil. [...] Naquele ano, 1942, a Rússia fabricou ainda 21.700 aeronaves contra 14.700 unidades alemãs. O Exército Vermelho empregou seis milhões de soldados, apoiados por 516.000 homens do NKVD (polícia secreta soviética). (HASTINGS, 2012, p. 341).

E ainda ressalta que “nos combates de inverno de 1942-43, a Alemanha perdeu um milhão de homens, além de vastas quantidades de material bélico”. (HASTINGS, 2012, p. 341). Novamente, o autor reafirma a comprovação da vitória soviética em um dos episódios que mais impactaram o contexto da Grande Guerra, o que favoreceu na fragmentação da força alemã que culminou, em 1945, para a rendição.

Dado o exposto, analisando as narrativas evidenciadas anteriormente, podemos notar que o Exército Vermelho saiu favoravelmente deste conflito, o que recebe destaque diante da Segunda Guerra como um marco no que se refere à participação da população juntamente com as tropas soviéticas e especialmente, a figura feminina contribuindo fortemente para a conquista gloriosa sob o exército alemão. Assim, no próximo tópico, serão exibidas comprovações do porquê, neste episódio do Teatro das Operações, a representatividade feminina se torna louvável e merece ser ressaltado no âmbito social e acadêmico.

2. O ESTEREÓTIPO FEMININO

Desde a formação da sociedade na Idade Antiga, dividida através da Antiguidade Oriental e a Ocidental, fase que se estende a partir de o surgimento da escrita em 4.000 a.c. até o decaimento e o declínio do império romano ocidental em 376 d.c., as mulheres e os homens foram subdivididos em papéis divergentes, sendo oferecido ao homem a função de provedor da casa e, à mulher, o papel de cuidadora e criadora que pertence unicamente ao mundo doméstico.

A família patriarcal foi um modelo seguido durante muitos milênios, inclusive fortificado principalmente com a influência da igreja católica. “Uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência” (PRIORE, 2014, p. 13).

É perceptível que não havia espaço para a mulher em locais majoritariamente masculinos de acordo com os estereótipos vigentes, nos quais perduraram por longos anos. Até que no início da Revolução Industrial (1760-1840), as mulheres, em sua grande maioria do proletariado, começaram a ingressar no mercado de trabalho primeiramente como mão-de-obra barata nas fábricas, sempre com uma remuneração inferior á dos homens. A partir de 1900, contudo, os cargos ocupados por mulheres começaram a mudar; professoras e enfermeiras são alguns exemplos.

Isto posto, é inegável o fato de, após a URSS assumir o país, as mulheres começarem a ser reconhecidas como cidadãs, inclusive de acordo com o artigo 122 da Constituição Soviética de 1936 afirma que:

“Na URSS, a mulher goza dos mesmos direitos que o homem em todos os campos da vida econômica, oficial, cultural, pública e política” E esses princípios foram especificados pela Internacional Comunista. Esta reclama: “Igualdade social da mulher e do homem perante a lei e na vida prática. Transformação radical do direito conjugal e do código da família. Reconhecimento da maternidade como função social. Entrega à sociedade do encargo de cuidar da educação das crianças e adolescentes. Luta civilizadora organizada contra a ideologia e as tradições que fazem da mulher uma escrava. (BEAUVOIR, 2009, p. 146-147).

Sendo o país pioneiro em colocar uma mulher em posição de destaque na política, Alexandra Kollontai³, sendo eleita Comissária do Povo de Assistência Pública – Título equivalente a ministro de Estado - fazendo com que

³ Nascida em 31 de março de 1872, na Rússia, Alexandra Kollontai foi uma mulher de luta socialista, feminista e internacionalista que viveu intensamente suas convicções de transformação societária em todas suas dimensões. Para ela, além da economia e da política, era necessária e urgente mudanças profundas que possibilitassem a emancipação feminina, desde as relações e o amor entre homens e mulheres, até mesmo a criação de condições objetivas para que a mulher pudesse superar as restritas funções domésticas, que historicamente lhe foram incumbidas. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/03/31/nova-mulher-e-a-moral-sexual-conheca-o-legado-de-alexandra-kollontai/>. Acesso em: 20/11/2022.

Kollontai fosse a primeira-Ministra da história, é correto afirmar que os primeiros passos da mulher na política, por exemplo, foram dados pelas mulheres da URSS.⁴

Dessa forma, o espaço feminino estava sendo conquistado e foi diante destas circunstâncias que posteriormente, na Batalha de Stalingrado, com os estereótipos cada vez mais entrando em conflito com a nova realidade, principalmente com as novas leis que garantiam tais direitos a elas, que as mulheres desamarraram as correntes que as prendiam a tal posição na sociedade e ingressaram no campo de batalha, mudando tanto a visão sobre elas quanto, também, os rumos da batalha.

Em função disso,

Por longos séculos a mulher não teve liberdade e direitos, pois era tratada como um mero apêndice, como a sombra do homem. O marido sustentava a esposa, e em troca ela se curvava ao seu arbítrio, suportando quieta a falta de justiça e a servidão familiar e doméstica. A Revolução de Outubro emancipou a mulher: hoje as camponesas têm os mesmos direitos que os camponeses, e as operárias, os mesmos que os operários. Em todo lugar a mulher pode votar, ser membro dos sovietes ou comissária, e até comissária do povo. (KOLLONTAI, ALEXANDRA. 1970.).

Dito isso, mesmo com a ideia de emancipação feminina das mulheres russas, é importante notar o fato de que muitas delas continuavam em sua “condição social” precisando cuidar dos filhos, do marido, da casa, muitas vezes por conta desta desconstrução recente do século XIX. Nota-se que havia duas forças contrárias que submetiam a figura feminina, ora para as possibilidades da nova liberdade, ora para os costumes enraizados e cheios de julgamentos.

Na obra “A guerra não tem rosto de mulher” de Svetlana Alexievich⁵ é capaz notar, diante dos relatos no decorrer do livro, a visão da sociedade russa para com as mulheres. O relato de Olga Vassílievna⁶ é um dos exemplos:

Para os homens era mais fácil se adaptar a tudo. Àquele cotidiano de asceta... Àquelas relações. Nós sentíamos saudade, muita saudade, de nossas mães, do aconchego. Tinha uma menina de Moscou conosco, Natachka Jílina, ela foi condecorada com uma Medalha por Bravura [...]. Se tínhamos um minuto de descanso, bordávamos algo, um lenço. Nos davam tecido para servir de portianka, mas nós criávamos cachecóis com eles, decorávamos com bordados. Queríamos fazer tarefas femininas. Sentíamos falta de coisas femininas, a situação toda era insuportável. A gente procurava qualquer pretexto para pegar a agulha e bordar algo, nem que fosse para passar um tempo em nossa forma natural. Claro, também ríamos e nos divertíamos, mas nada era como antes da guerra... Era um estado particular... (ALEXIEVICH, 2016, p. 139)

Assim sendo, a partir de tal relato é possível notar o claro “desconforto” de algumas mulheres russas de saírem de sua zona de conforto, mesmo ela sendo uma espécie de sufocamento para as citadas. Isso somente fomentava a ideia que o povo russo nutria acerca da mulher se envolver somente em assuntos considerados femininos e afazeres que são indicados para a sua condição social e não algo tão cruel e violento quanto a guerra. Contudo, a medida que mais cargos no front eram ocupados por mulheres, mais a possibilidade daquelas mulheres serem vistas como mais do que objetos no mundo essencialmente patriarcal, era alimentada.

⁴ Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/index.htm>

⁵ Svetlana Aleksandrovna Aleksiévitich (URSS Ucrânia, 31 de maio de 1948) Jornalista e escritora, refinou ao longo de sua obra uma escrita única, desenvolvida a partir da observação da realidade e ostentando as melhores qualidades narrativas da tradição da literatura em língua russa. Em 2015, recebeu o prêmio Nobel de literatura. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=05194> Acesso em: 15/10/2022.

⁶ Uma das mulheres que lutou durante a segunda guerra mundial. Disponível em: *A guerra não tem rosto de mulher*. ALEKSIEVITCH, SVETLANA. 2019.

É imprescindível considerar a Segunda Guerra Mundial como uma espécie de impulso ou mola propulsora para o avanço da desconstrução de gênero devido às diversas mudanças daquela época e o papel desempenhado por figuras femininas importantes na história. Como também, as leis vigentes que faziam com que as mulheres pudessem ser inseridas na vida pública, não mais sendo acorrentadas pelo estereótipo que as acompanham a tanto tempo.

Obviamente, houve obstáculos antes dessas mulheres conseguirem ingressar no campo de batalha, tanto que em um dos relatos do livro de SVETLANA (1948), é posto que até o Exército Vermelho aceitá-las, os obstáculos para tal eram muitos. Mas, não foi impossível; o relato de Vera Danilovtseva (sargento e franco atiradora), demonstra a saída do foco familiar para a mulher, que agora tinha seus direitos assim como os homens e eram representadas de outras maneiras:

Me convenceram de que eu tinha que estudar. Certo, vou estudar, mas não para enfermeira... Queria atirar! Atirar como ele. De alguma forma eu já estava preparada para isso. Em nossa escola sempre havia apresentações de heróis da guerra civil e de gente que lutara na Espanha. As meninas se sentiam em igualdade com os meninos, não nos separavam. Pelo contrário, desde a infância escutávamos na escola: 'Meninas, para o volante do trator!', 'Meninas, para o manche do avião!'. E ainda tinha o amor! Eu até imaginava como íamos morrer juntos. Na mesma batalha... Estudava no instituto de teatro. Sonhava em ser atriz. Meu ídolo era Larissa Reisner.* Uma comissária mulher com jaqueta de couro. Gostava do fato de ela ser bonita... (ALEXIEVICH, 2016, p. 70)

A partir do relato de Vera também é possível observar a questão da representatividade da mulher na história, a partir da indústria midiática e da evidência de figuras femininas importantes para a história de um país. Entretanto, o apagamento destas figuras não nos permite abrir espaço para uma possível representatividade histórica. As linhas da historiografia ainda carecem de destaque para essas mulheres.

2.1 Motivos para o ingresso feminino na batalha

O grande "x" da questão são os possíveis motivos que aquelas mulheres tiveram para ingressarem em um evento tão cruel e imprevisível quanto a guerra. Há diversas interpretações, assim como há diversos possíveis motivos de acordo com a historiografia. E, como ficou a situação das mulheres que não optaram para participar da guerra no front de Stalingrado. Na obra de Alexievich (2019), os relatos deixam claro o quão inusitado foi o ingresso das mulheres na batalha. Embora a URSS já estivesse cedendo e garantindo mais liberdade às mulheres, o evento não deixa de ser um ponto fora da curva.

Mulheres e jovens fugiam de suas casas a fim de conseguirem se alistar para o front, algumas iam escondidas uma vez que não era considerado honroso para a família ter uma filha no front de batalha. Foram muitos os motivos, dentre eles a sensação de impotência e vingança das soviéticas a partir dos feitos dos nazistas dentro de seu território. Com este sentimento, estas mulheres quebraram as barreiras que as limitavam dentro da sociedade para disputar um lugar essencialmente masculino no front com os homens.

Ou seja,

Essa resignação engendra a paciência que frequentemente se admira nelas. Suportam muito melhor do que o homem o sofrimento físico: são capazes de uma coragem estoica quando as circunstâncias o exigem: sem a coragem agressiva do homem, muitas mulheres distinguem-se pela calma tenacidade de sua resistência passiva; enfrentam as crises, a miséria, a desgraça mais energicamente do que os maridos; respeitadas do tempo que nenhuma pressa pode vencer, não medem sua duração; quando

aplicam sua obstinação serena a algum empreendimento, obtêm, por vezes, resultados brilhantes. “O que a mulher quer...”, diz o provérbio (BEAUVOIR, 2009, p. 590).

O escritor Vassili Grossman⁷, ao chegar à cidade de Stalingrado em 1942⁸, contou em seus inúmeros cadernos em reportagens feitas por ele, que as mulheres que ficavam em casa, enquanto os homens precisavam ir ao campo de batalha, se viravam como podiam. Trabalhavam nas fábricas e criavam os filhos sozinhas em meio ao cenário caótico que era o desenrolar da guerra e a situação da Rússia. Além de dirigir tanques e muitas vezes preencherem as perdas indo para o front. Aqui, é possível ver que um dos motivos era justamente suprir as baixas deixadas por muitos homens na batalha.

Quando é falado de URSS não pode ser deixado de fora o fator da adoração à pátria. Segundo Silvio Pons⁹, em seu artigo “*Império, estado e ideologia na URSS stalinista*” (2008) um dos pontos em que é possível apoiar como um dos motivos pelo qual as mulheres foram para a guerra é ligado a este fato, onde a defesa do país por meio de uma estratégia de temor generalizado era alimentada por Josef Stalin, então atual primeiro ministro da URSS de 1941 até 1952, de ainda mais após a ascensão de Hitler na Europa. Stalin “preparava” uma espécie de território psicológico na população russa, na qual a qualquer momento precisariam por suas vidas de lado e lutar pela pátria soviética.

As ações políticas de Stalin eram claramente condicionadas por um corpus de princípios axiomáticos. Esses princípios haviam sido irreversivelmente plasmados pela doutrina de Lenin sobre o imperialismo e pelas respostas dos bolcheviques aos eventos internos e internacionais de 1918-1920. Sobre a base da concepção leninista e da concreta experiência consumada na revolução e na guerra civil, os bolcheviques se consideravam protagonistas de uma época de revoltas e guerras. A visão que eles tinham da guerra civil internacional ditou o imperativo de adotar uma estratégia de sobrevivência para a Rússia revolucionária, essencial para manter vivo o projeto de “revolução mundial” que os havia orientado de 1917 em diante, embora com uma intensidade cada vez menor. Stalin se fez intérprete daquela visão e daquele imperativo em meados da década de vinte, quando se impunha tomar providências para pôr fim à época revolucionária na Europa (PONS, 2008, p. 102).

Por conseguinte, a partir deste pensamento, uma ampla massa de pessoas, incluindo mulheres, partiram para a luta a favor de sua terra e seus valores, fomentadas pelos discursos de Stalin, que exerciam forte influência através de propagandas de governo que convidavam a todos para que lutassem pela pátria soviética.

⁷ Nasceu em Berdítchev, na atual Ucrânia, em 1905. Depois de estudar química e ter trabalhado como engenheiro de minas, foi descoberto por Maksim Górkki, cujo apoio permitiu que ele começasse a publicar seus textos. Grossman foi correspondente durante a Segunda Guerra Mundial, e cobriu a defesa de Stalingrado e a queda de Berlim, além de ter escrito o primeiro relato sobre um campo de extermínio nazista. O manuscrito de *Vida e destino* foi inicialmente confiscado e proibido pela KGB, em 1960, e Grossman não viveu a tempo de vê-lo publicado. Contrabandeado para fora da União Soviética uma década depois, o romance foi por fim publicado na Europa e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. Só foi lançado na Rússia em 1988. Faleceu em 1964. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=04147>. Acesso em: 20/11/2022.

⁸ Um escritor na guerra: Vassili Grossman com o exército vermelho 1941-1945. GROSSMAN, Vassili. Tradução: Bruno Cassoti, 2006. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788573028898/um-escritor-na-guerra> Acesso em: 29/06/2022

⁹ Nascido em Florença em 27.4.1955, licenciou-se em Letras pela Universidade de Florença em 1980 e doutorou-se em História da Sociedade Europeia na Universidade de Pisa em 1987 Desde 1993 é investigador em História Contemporânea na Faculdade de Letras e Filosofia (Departamento de História e Ciências Sociais) da Universidade de Bari. Em 1999-2000 leccionou História da Rússia na Faculdade de Ciências Políticas da ' Universidade de Bolonha. Em 2000, tornou-se elegível como professor associado de História do Leste Europeu. Disponível em: <https://www.sissco.it/soci/pons-silvio/> Acesso em: 12/07/2022

Assim como dito por Pons, a concepção leninista e a concreta experiência consumada na revolução do proletariado e na guerra civil faziam com que os Bolcheviques se considerassem protagonistas de uma época revoltosa. Ou seja, precisavam se manter preparados para possíveis intempéries em seu território, adotando estratégias de sobrevivência a fim de conseguirem lidar com estas tempestades que uma hora ou outra, sempre assolavam os soviéticos.

Dito isto, o projeto de “Revolução mundial” precisa manter-se intacto e para isso, é necessário adotar métodos protetores. A propaganda governamental era, de fato, um destes mecanismos para a sobrevivência do território sempre responsável por deter uma grande influência desde antes mesmo do nascimento da Rússia soviética e, assim sendo, foi capaz de mover o povo russo para o front de batalha.

Em uma análise mais profunda, parafraseando Vladimir Ilyich Ulianov, Kautsky dissimula a profundidade das contradições do imperialismo e a inevitabilidade da crise revolucionária que este engendra (...) O imperialismo é a antecâmara da revolução social do proletariado. Isto foi confirmado, em uma escala mundial, em 1917 (LENIN, 1966). Em suma, o imperialismo é a mola propulsora; a peça capaz de, devido a sua característica avassaladora e ações totalmente voltadas aos interesses da classe dominante, temperada com a ambição de uma certa hegemonia, inevitavelmente desencadear a crise revolucionária, levando às classes dominadas o então, sentimento de uma revolução social do proletariado e o espírito de luta pelos seus ideais e sobretudo, sua sobrevivência.

Levando o que foi citado anteriormente e aplicando no contexto das mulheres e suas vontades desenfreadas de fazerem parte do cenário de guerras, é possível aplicar que com sua posição social e sobretudo, com o visível cenário em que a Alemanha nazista buscava pela hegemonia alemã dentro do território russo, o sentimento de uma participação voluntária com o objetivo de mudar os rumos da batalha, é em grau de comparação, o mesmo sentimento do dominado contra o dominante; o imperialismo alemão somado com o anticomunismo, competindo com o espírito revolucionário somado com a defesa de seu território contra os inimigos ideológicos alemães.

2.3 As Bruxas da noite

Aqueles malditos aviõezinhos. Chegam apenas à noite, descem em silêncio, lançam sua carga de fogo e voltam rapidamente para as nuvens. Em poucos minutos, semeiam terror e destruição. Do campo, tentam aprisioná-los nas redes dos refletores, mas eles escapam da artilharia antiaérea. Quando esta começa a disparar, é tarde demais; eles já estão nas alturas de novo, além do manto de nuvens [...]. (ARMENI, 2019, p. 10)

Assim era, de acordo com Ritana Armeni em sua obra “As Bruxas da Noite”, como as aviadoras do 588º regimento russo e, mais tarde, do 46º regimento eram vistas e temidas pelos soldados alemães da wehrmacht. Estas mulheres, pilotando pequenos aviões *Polikarpov*, rasgando o céu noturno de Stalingrado, lançando bombas á pequenos metros de distância do inimigo, passaram a ser temidas pelos próprios. Os tais aviões, apesar de pequenos em comparação aos comuns de guerra, as permitiam se camuflar devido á sua facilidade de manejo e porte, podendo assim, desviar-se com agilidade de possíveis contra-ataques.

Apesar de sua lentidão, estrategicamente os bombardeios duravam cerca de cinco, dez minutos, incessantemente. As mulheres voltavam para a base posteriormente aos ataques feitos, subindo seus biplanos a metros considerados mais seguros a fim de retornarem a sua base e, outro biplano com mais duas pilotas, terem sua vez de

rasgarem o céu de Stalingrado e ataquem o exército inimigo com a mesma estratégia anterior. E, assim, era feito a noite toda.

Apesar da grande conquista feita por elas, a Rússia passava por um delicado momento; segundo o relato de uma das bruxas, Irina Rakobolskaya, na obra de Armeni, o país seria visto como fragilizado e temeroso com uma derrota iminente se por acaso, o exército inimigo tivesse o vislumbre dos rostos femininos em pequenos biplanos, por serem mulheres os pilotando. (ARMENI, 2019. p. 58).

Stalin também, por sua vez, inicialmente discordou da possível ideia de ter mulheres em um campo de batalha. Apesar da negativa, contudo, após a pequena reunião composta por mulheres e a ilustre *Marina Raskova*, é promulgada a ordem 0099, onde é estabelecida a criação de três regimentos majoritariamente femininos. E, então, dá-se início à história das bruxas da noite. (ARMENI, 2019. p. 59).

As mulheres do 588º regimento precisaram se adaptar ao pequeno avião que as daria, posteriormente, a oportunidade de entrar para a história da Grande Guerra Patriótica. O *Polikarpov po-2*, biplano feito de madeira, tal qual um avião de brinquedo, era um dos modelos de avião usados na URSS como um desenho experimental, segunda a escritora ARMENI (2019).

Veem duas alavancas, uma ao lado de cada posição, que servem para erguer e baixar o aeroplano, e dois manches. Continuam a olhar, mas não há mais nada. Nem instrumento tecnológico e óptico para a mira, como viram em outros aviões, nem lugar para os paraquedas. Não entendem onde são colocadas as bombas. Segundo são informadas, a navegadora receberá uma bússola e um mapa. Munida deles e de muita experiência, treino e sorte, poderá identificar os objetivos a serem atingidos (ARMENI, 2019. p. 85)

Apesar do claro modelo antigo, ultrapassado e inferior a tecnologia russa, o Polikarpov atingiu seu objetivo de maneira extremamente eficaz devido às habilidades das suas pilotas. Justamente por ser simples, coloca-se facilmente em movimento, sendo de difícil identificação a noite devido seu tamanho e facilidade de manejo, além de não precisar de uma pista de pouso tão tecnológica. (ARMENI, 2019. p. 86).

Além do mais, Armeni (2019) aponta que mesmo com baixas probabilidades de sucesso, com treinamento árduo e a inabalável confiança que aquelas mulheres tinham, o número de bombardeios feitos ultrapassou suas 23.000 toneladas de bombas nos nazistas, com 24.000 missões.

Ao verificar a tese anteriormente exposta, verifica-se que:

[...] No entanto, todas as noites as bruxas voam e bombardeiam. Sem trégua, sufocando as lágrimas e o cansaço. Resistindo aos momentos terríveis, quando são ofuscadas pelos refletores, ensurdecidas pela artilharia antiaérea e cercadas pela escuridão. Quando respiram com dificuldade, são sacudidas pela tosse, não conseguem distinguir entre o céu e a terra e não sabem direito para onde conduzir o aeroplano. Se perderem essa mínima orientação, se a experiência e o espírito de sobrevivência não as acudirem, se não houver amizade, empatia e uma relação de confiança entre a piloto e a navegadora, com um avião como o Polikarpov é fácil esfacelar-se no solo, incendiar-se ou cair atrás das linhas inimigas. (ARMENI, 2019. p. 130).

Marina Roskova, Irina Rakobolskaya, Yevgeniya Zhi Gulenko, somente alguns nomes dentre outros milhões de nomes de mulheres que precisaram escolher entre suas vidas e a pátria, passando pelos abusos dos seus superiores, pela crueldade da guerra em Stalingrado, pela face atroz do pavor de uma batalha, por mortes de companheiras de regimento, pelo fardo social que lhes é posto mesmo após suas diversas conquistas através do sangue, suor e lágrimas

que derramaram a medida que completavam todas aquelas 24.000 missões contra os soldados nazistas; hoje, o apagamento histórico as atinge e a historiografia as negligencia (ARMENI, 2019).

E afirma,

Contudo, não é fácil encontrá-las. Por certo, as salas do museu exaltam a potência militar à qual os russos, como se sabe, são particularmente sensíveis [...] Na realidade, ao regimento 588 é dedicado o espaço de uma vitrine e duas bandeiras. Na vitrine, algumas fotos, entre as quais as de Marina Raskova, alguns óculos de piloto, uma bússola, alguns documentos e medalhas. Não é fácil localizá-lo. Não se deduz de modo algum que tenha sido um regimento exclusivamente feminino. Também no Museu do Exército Vermelho, somos obrigadas a constatar que a igualdade niveladora levou vantagem sobre uma experiência única e diferente. De fato, ninguém se detém para olhar uma vitrine igual a tantas outras. Seja para os grandes, seja para os pequenos visitantes, o enorme míssil que se ergue com toda a sua potência, ocupando o salão central, é muito mais fascinante. (ARMENI, 2019. p. 193).

O passado das bruxas e de todas as mulheres que desafiaram os parâmetros sociais e foram de imprescindível importância para o desfecho da guerra, hoje é facilmente apagado e ofuscado. O relato da escritora Ritana Armeni é revelador e esclarecedor o suficiente para a compreensão do tal apagamento que essas mulheres sofrem na história.

3. RESULTADOS DA PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na definição da problemática para a presente pesquisa que tem como questionamento: "De que maneira, a figura feminina contribuiu durante a Batalha de Stalingrado durante a Segunda Guerra?", ao analisar as narrativas anteriormente apresentadas, verificou-se que uma porcentagem significativa de mulheres estivera além dos ambientes hospitalares, residências e demais instituições, o que era comum durante toda a guerra.

Notamos que, no subtítulo 2 em diante, foram fundamentais no desenrolar deste conflito que provocou grandes destaques que gradativamente, serviu de combustível para a vitória da URSS sob a Alemanha Nazista, o que resultando à isso, como barris de pólvora prestes à explodir diante daquele caos instaurado por quase toda a Europa, a Alemanha foi se e enfraquecendo, seguindo rumo à rendição no futuro mais próximo da época.

Em outras palavras, podemos dizer que a participação das mulheres no conflito de batalha frente ao principal inimigo - Alemanha, resultou de maneira positiva para atingir grandes objetivos que beneficiou o exército vermelho, uma vez que vencendo este conflito, ao mesmo tempo, com outras batalhas sofridas pela Alemanha em diferentes territórios, como exemplo, Operação Overlord, Batalha de Kursk, Batalha em Al Alamein e Batalha de Stalingrado, são considerados peças-chaves, isto é, reviravoltas dos aliados sob a ascensão de Hitler que perdendo conflitos, indiscutivelmente, resultaram na construção dos capítulos finais da rendição e queda do Terceiro Reich, em 1945.

REFERÊNCIAS

ALEXIEVICH, Svetlana. A guerra não tem rosto de mulher. Trad. do russo de Cecília Rosas.

São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARCARY, VALÉRIO. Lenin, imperialismo e revoluções. São Paulo: PUC-SP, N° 13/14, (2005).

ARMENI, RITANNA. As bruxas da noite. A História não Contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo. Seoman, 2019.

BEEVOR, Antony. Stalingrado: o Cerco Fatal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEEVOR, Antony. A Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 2015.

HASTINGS, Max. Inferno: o mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

KOLLONTAI, ALEXANDRA. Às trabalhadoras: discurso de Kollontai, disponível em: Sobre Lenin (audiolivro em russo organizado por um grupo de jornalistas), Moscou, Pravda, 1970. Título original: "K rabotnitsam". Áudio e texto em russo disponíveis em: <http://www.sovmusic.ru/download.php?fname=izrech13>. A versão em russo e uma tradução em espanhol também se encontram em: <http://goo.gl/z0xtqA>.

PRIORE, Mary Del. História e conversa de mulher. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

SHIRER, Willian. Ascensão e Queda do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

TAYLOR, A.J.P. A Segunda Guerra Mundial. Trad. Dutra, Waltensir. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VASCONCELOS, André Luiz de. BATALHA DE STALINGRADO: o documentário como agente da História. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 12 – UFGD - Dourados jul/dez 2012.